

ARMAS, PODER E POLÍTICA

Activista comunitário
recusos

Extractivismo,
Militarização e
Violência contra
as Mulheres em
Moçambique



Historial do Poder das Armas e da Política

A WoMin e os seus parceiros – o Centro de Governação dos Recursos Naturais (CNRG) no Zimbabué, a Justiça Ambiental (JA!) em Moçambique, e a Rede Movimento para a Justiça e Desenvolvimento (NMJD) na Serra Leoa - realizaram conjuntamente esta pesquisa de economia política feminista em 2018 para informar a formação de redes nacionais, apoiar a organização das mulheres, a intervenção no trauma e os esforços na justiça, abordando a intersecção entre o Extractivismo, a Militarização, a Securitização e a Violência contra as mulheres. Como coordenadora geral, a WoMin não possuía capacidade interna para gerir a pesquisa até à conclusão, daí o atraso na conclusão da mesma. Quando designada a pesquisa, a WoMin e os seus parceiros deixaram claro que se baseariam em análises académicas formais, relatórios de pesquisa e relatórios escritos por organizações não-governamentais (ONGs) e entrevistas com as pessoas-chave que trabalham em ONGs ou organizações comunitárias líderes, mas que não faria nenhum trabalho de campo primário a envolver mulheres afectadas ou potencialmente afectadas. Adoptámos esta posição por várias razões: (a) as mulheres que sofreram violência perpetrada pela segurança privada e pelos militares raramente falaram sobre essa experiência e, portanto, há um profundo trauma não tratado; e (b) o terreno do trabalho é extremamente arriscado e, portanto, é necessário um processo cuidadoso para permitir que as mulheres reflectam sobre os riscos e as consequências de falar sobre a violência. Um processo de pesquisa extractivista provavelmente causaria mais traumas e danos às mulheres que elegemos para servir como uma aliança. Os pesquisadores, à excepção de um, respeitaram este limite. A pesquisa foi realizada no Zimbábue, na Serra Leoa e em Moçambique, e adverte um documento de síntese conceptual que tira conclusões-chave da pesquisa e constrói conceitos e ideias críticas sobre a relação entre o extractivismo, a securitização, a militarização e a violência contra as mulheres. A pesquisa foi traduzida num recurso activista comunitário como uma ferramenta de informação e consciencialização em cada um dos três países.



Guia activista escrito por Shamim Meer, baseado num trabalho de pesquisa de autoria de Âurea Mouzinho. A pesquisa e o guia ativista foram encomendados pela Justiça Ambiental e pela Aliança Africana WoMin.

1. INTRODUÇÃO

As empresas de mineração criam muitos problemas em África. Elas ocupam as terras onde as comunidades vivem e cultivam há gerações geralmente nem compensação. Em as usurações de terras destroem os meios de subsistência locais e resultam em sepulturas que são movidas e danificadas.

Os nossos governos dão permissão às empresas de mineração para ocuparem as terras. Raramente perguntam às pessoas que vivem nessas terras o que querem ou precisam. As empresas e os nossos governos estão interessados apenas nos lucros – o dinheiro que as empresas de mineração, os seus amigos nos governos e no partido no poder farão.

As pessoas que vivem perto de uma mina, enfrentam problemas de saúde ao respirar a poeira da mina. Os seus rios estão poluídos pelos resíduos da mina. Quando as comunidades questionam ou resistem à mineração, são ameaçadas e atacadas pela segurança privada da empresa, pela polícia e pelos militares enviados pelo governo.

Não é fácil encontrar informações sobre como a polícia, o exército e a segurança da empresa está a afectar as comunidades nas áreas da mineração. É ainda mais difícil encontrar informações sobre as experiências de violência das mulheres nas áreas da mineração. Pouco foi escrito sobre isso e os membros das comunidades temem falar com “pessoas de fora” sobre os problemas que enfrentam.

Pela informação que temos, sabemos que as mulheres sofrem violência física e sexual. É mais difícil falar sobre essas violações porque as mulheres, muitas vezes, são levadas a acreditar erroneamente que são responsáveis pela violência sexual. As pessoas perguntam o que é que ela estava a fazer na rua tão tarde? Ela estava a pedir isso? Ela gostou? Com a violência sexual, a vítima é frequentemente culpabilizada e precisa de se defender. Isso está errado e precisa de ser contestado para permitir que mais mulheres falem sobre essas experiências.

Esta brochura espera incentivar as mulheres a abrirem discussões sobre a violência que enfrentam, para que isso possa ser resolvido através do apoio e da procura de formas de acabar com essa violência. Se as pessoas não falarem e expuserem essa violência, nada mudará.

A brochura começa com uma nota sobre poder. Analisa como o governo da Frelimo começou com políticas socialistas destinadas a satisfazer as necessidades do povo, mas

como a Frelimo mudou no final dos anos 80 para um sistema capitalista que apoia as empresas a obter lucro. Esse sistema é mantido por meio da violência – com a segurança privada, a polícia e o exército a controlarem e a disciplinarem quem fica no caminho das empresas de mineração. A brochura observa que são necessárias mais informações e discussões sobre a violência que as mulheres enfrentam nas mãos da segurança privada, da polícia e das forças armadas nas áreas da mineração, para que sejam encontradas formas de apoiar as mulheres e as comunidades que enfrentam violência e para que essa violência possa ser desafiada.

Se as pessoas
não falarem e
não expuserem
a violência que
as mulheres
enfrentam
nas áreas de
mineração,
o problema
permanecerá
incontestado.



2. PODER

A história que queremos contar é uma história de poder. De como o poder sobre as pessoas pode oprimir. De como as comunidades e as mulheres podem construir poder para desafiar a opressão que enfrentam.

Na história de Moçambique, os colonizadores Portugueses usaram o seu poder para oprimir e explorar o povo Moçambicano. A Frelimo construiu o seu poder como um movimento de libertação para pôr fim ao domínio colonial e introduzir um sistema para satisfazer as necessidades de todos os Moçambicanos. As mulheres eram activas no movimento de libertação e faziam parte da construção do poder das pessoas. Como disse o líder da Frelimo, Samora Machel, a libertação das mulheres para acabar com a opressão era uma parte importante da luta pela mesma, que para serem mulheres livres, tinham que desafiar o poder que os homens tinham sobre elas na sociedade Moçambicana. Ele estava claro que as mulheres deveriam ser vistas como seres humanos plenos e não inferiores aos homens.

Após a independência, a Frelimo estabeleceu políticas socialistas que se concentravam no povo. Mas, no final dos anos 80, a Frelimo passou a apoiar as empresas a obter lucros. Isso permitiu às empresas de mineração e aos funcionários corruptos acumular riquezas, enquanto a maioria das pessoas vive em crescente pobreza.

Apesar dos líderes da Frelimo afirmarem que a opressão das mulheres deve acabar, muito pouco foi feito para mudar a vida das mulheres. As mulheres nas comunidades afectadas pela mineração enfrentam o poder das minas, o poder do governo e o poder dos homens sobre si.

As comunidades afectadas pela mineração e as mulheres nessas comunidades podem desafiar esse poder opressivo. As pessoas têm poder dentro de si mesmas e podem construir poder umas com as outras para desafiar os danos criados pelo sistema económico injusto e prejudicial. As mulheres podem construir o seu poder para desafiar a violência da mineração nas suas vidas.



‘Era como se o governo estivesse a dizer a essas empresas: venham tirar os nossos recursos e façam o que quiserem com o nosso povo para ganharem o dinheiro que quiserem.



3. MINERAÇÃO EM MOÇAMBIQUE

Com a mudança do socialismo, o governo da Frelimo abriu o povo e o seu trabalho, bem como os recursos naturais para as empresas que desejavam obter lucros. Os novos planos de desenvolvimento dos governos viam a mineração como uma chave para o desenvolvimento do país. Foram aprovadas leis para atrair empresas estrangeiras. Era como se o governo estivesse a dizer a essas empresas: venham tirar os nossos recursos e façam o que quiserem com o nosso povo para ganharem o dinheiro que quiserem.

Muitas empresas de todo o mundo aceitaram o convite para explorar os recursos naturais de Moçambique. Algumas das empresas com permissão para a mineração incluem:

A empresa de petróleo e gás Sasol da África do Sul – foram-lhe concedidos os direitos para extrair gás natural na província de Inhambane, até 2000.

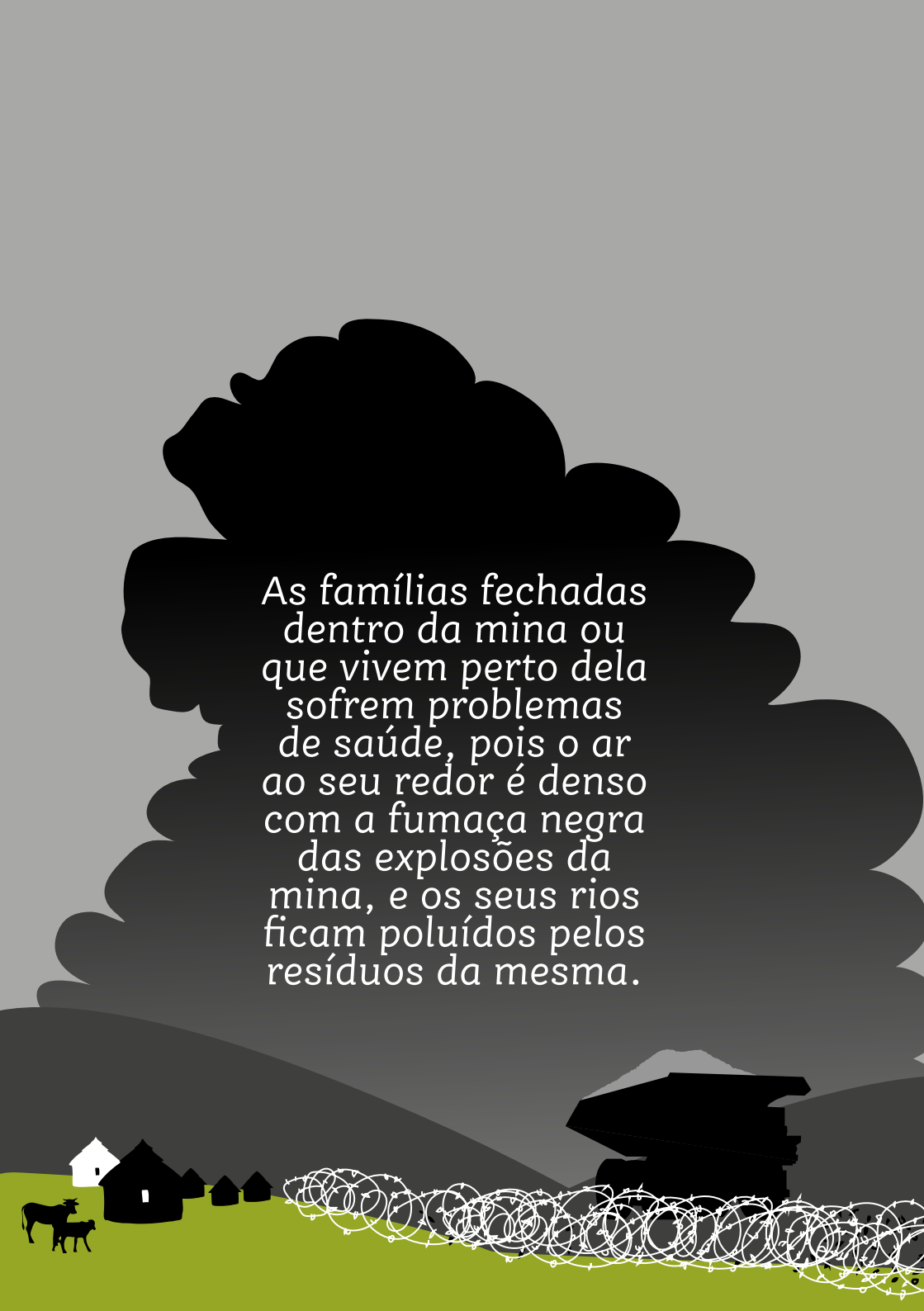
A Vale, a empresa de mineração de propriedade Brasileira que iniciou a primeira mina de carvão de propriedade privada em Moatize, na província de Tete, em 2007.

A Kenmare, de propriedade Irlandesa, recebeu permissão do governo para extrair areias minerais em Moma, na província de Nampula, em 2007.

A Riversdale (Austrália), a Rio Tinto (Grã-Bretanha-Austrália), a International Coal Ventures Private Limited (ICVL - Índia), a Jindal Africa (Índia) entraram na província de Tete, após 2007.

A Britânica Montepuez Ruby Mining recebeu permissão do governo para minerar rubis em Nyamanhunbir, na província de Cabo Delgado, em 2011

O governo disse que a mineração reduziria a pobreza e desenvolveria as comunidades. Mas isso não era verdade. As empresas obtiveram grandes lucros e os funcionários corruptos do governo enriqueceram ao fazerem acordos com as empresas de mineração. As comunidades afectadas pela mineração perderam as suas terras, as suas casas e os seus meios de subsistência.



As famílias fechadas
dentro da mina ou
que vivem perto dela
sofrem problemas
de saúde, pois o ar
ao seu redor é denso
com a fumaça negra
das explosões da
mina, e os seus rios
ficam poluídos pelos
resíduos da mesma.

4. EXPERIÊNCIAS DAS COMUNIDADES AFECTADAS PELA MINERAÇÃO

A mineração ocorre nas províncias rurais, onde as comunidades dependem da terra, da água e das florestas para sobreviverem. Quando as empresas de mineração entram nas suas aldeias, as pessoas perdem o acesso aos campos, à água e às florestas e os seus meios de subsistência são destruídos.

As comunidades cujas terras são ocupadas para a agricultura comercial, a pesca e a exploração florestal também enfrentam problemas semelhantes aos das comunidades afectadas pela mineração.

As comunidades afectadas pela mineração tentam construir o seu poder para negociar com as minas e com o governo em torno da compensação e da realocação. Mas, muitas vezes, a lei e as políticas não estão a seu favor e, em vez disso, favorecem os interesses das empresas poderosas.

Embora a lei preveja que a comunidade que vive na terra seja envolvida nas negociações para o uso da terra e nas negociações para a compensação antes do início da mineração, isso raramente acontece. Os direitos que as comunidades têm na lei, de fazer parte de decisões sobre o seu reassentamento e compensação, ou de dizer não ao projecto de mineração, são ignorados.

Em alguns casos, há discussões de “fingimento”, realizadas no momento em que a empresa já tem permissão do governo para prosseguir com a mineração. Quando as empresas iniciam as discussões com as comunidades antes de receberem permissão, as empresas usam o seu poder para fugir com baixos níveis de remuneração. Muitas vezes, as empresas fazem promessas que não cumprem. Como a maioria das comunidades afectadas pela mineração vive na pobreza, elas veem esperança nas promessas de empregos, serviços e melhores condições de vida prometidas pelas empresas. Às vezes, as empresas compram ou pressionam os representantes das comunidades e os chefes a aceitar a mineração e os baixos níveis de remuneração.

Os membros das comunidades geralmente enfrentam dificuldades adicionais quando são transferidos para novos assentamentos. A Lei de Mineração diz que a realocação deve fornecer casas nas mesmas ou melhores condições que as habitações anteriores, e que as empresas são responsáveis pela segurança alimentar das comunidades. No entanto, as empresas transferem as famílias para áreas sem serviços básicos, onde a

4. EXPERIENCES OF COMMUNITIES AFFECTED BY MINING

terra é de baixa qualidade e a agricultura é difícil ou impossível, e onde as casas são de pior qualidade que as habitações anteriores. Frequentemente, essas áreas estão longe das cidades onde há empregos e longe das suas antigas casas.

Às vezes, a empresa cerca as casas e os campos das pessoas dentro da mina de trabalho. As famílias fechadas dentro da mina ou que vivem perto dela sofrem problemas de saúde, pois o ar ao seu redor é denso com a fumaça negra das explosões da mina, e os seus rios ficam poluídos pelos resíduos da mesma. As suas colheitas são muito afectadas e o seu gado morre. A explosão da mina afecta o corpo das pessoas e quebra as paredes das suas casas. Frequentemente, essas comunidades não têm acesso adequado a cuidados de saúde, educação e emprego.

A mineração pode ter outros efeitos negativos. Por exemplo, as operações da empresa Chinesa Hainyu Mining levaram a inundações na província de Nampula, destruindo 48 casas, destruindo parcialmente 173 casas e deixando perto de 300 pessoas sem casa.

As promessas de emprego nunca são cumpridas. A maioria dos empregos nas minas exige capacitação específica que muitos membros das comunidades não possuem, e as empresas relutam em investir em formação.

As comunidades que viviam da mineração artesanal precisam de parar ou limitar a mineração quando uma empresa de mineração entra na sua área. Os homens nessas comunidades deixam as suas aldeias para procurar emprego noutras partes de Moçambique e isso causa desagregação familiar e maiores dificuldades de sobrevivência para as mulheres deixadas para sustentar as suas famílias. Para sobreviverem, elas fazem o que é possível – algumas cozinham e limpam, outras são donas de casa e prostituem-se – e, em algumas situações, as dificuldades de sobreviver levam ao casamento forçado das meninas.

Em Cateme e Malaudzi, as mulheres têm dificuldade em criar pequenas machambas, o que levou à escassez de alimentos e à fome. As meninas estão a sair da escola porque as escolas estão longe e algumas meninas são violadas pelo caminho.

Muitas vezes, as pessoas cujas aldeias estão vedadas dentro da mina, não podem circular livremente. Elas são confrontadas por agentes de segurança privada, pela polícia e por militares que protegem os interesses da empresa. Às vezes, a polícia, o exército ou a segurança privada entram nas casas para procurar “minerais roubados”.

Eles procuram pessoas quando entram na vedação e, quando isso acontece, os corpos das mulheres são revistados pela polícia masculina, por soldados ou pela segurança da empresa.

Em 2017, um vídeo divulgado na internet mostrou a polícia a torturar mineiros artesanais dentro de uma mina de rubi. Muitas pessoas disseram que a polícia e os agentes de segurança privada destruíram as suas casas no meio da noite, danificando e tirando os seus pertences. A polícia e a segurança dizem que tomam essas medidas para manter a lei e a ordem, mas realmente estão a proteger os direitos das empresas.

Se as pessoas protestam, são presas e enfrentam acusações criminais. Elas podem ser espancadas e, às vezes, até baleadas. O governo geralmente permite que a segurança privada tome medidas contra os membros das comunidades afectadas pela mineração e, às vezes, envia a polícia e o exército para lidar com os protestos das comunidades.

Quando as famílias são reasentadas ou quando perdem as suas terras para as minas, as mulheres e as meninas geralmente têm que caminhar longas distâncias para procurar comida, colectar água e madeira.



5. AUSÊNCIA DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE A VIOLÊNCIA QUE AFECTA AS COMUNIDADES E AS MULHERES IMPACTADAS PELA MINERAÇÃO

Não há muitos estudos que se tenham focado na violência das empresas de mineração, e os membros das comunidades não estão disponíveis para falar por medo das repercussões. Há um particular silêncio sobre a violência sofrida pelas mulheres nessas comunidades, porque o abuso e a violência sexual não são tópicos sobre os quais os membros das comunidades possam falar facilmente.

Pelo pouco que aprendemos, sabemos que as mulheres nas comunidades afectadas pela mineração são assediadas sexualmente e, às vezes, violadas pela polícia, pelo exército e pela segurança privada que trabalha para as empresas de mineração.

Quando as famílias são reassentadas ou quando perdem as suas terras para as minas, as mulheres e as meninas geralmente têm que caminhar longas distâncias para fornecer comida, colectar água e madeira. Elas estão expostas a muitos riscos, incluindo violência sexual.

Quando as empresas de mineração tomam conta das florestas, as autoridades de segurança exigem favores sexuais antes de permitir que as mulheres entrem numa área florestal para colectar madeira. Quando a polícia, o exército ou a segurança privada revistam as mulheres, isso assume a forma de agressão sexual aos seus corpos.


6. CONCLUSÃO

Mostrámos, nesta brochura, como a mineração se tornou mais importante para o governo de Moçambique desde o início dos anos 2000. As leis e as políticas do governo focam-se em incentivar as empresas de mineração a instalar minas, sem considerar as necessidades do povo de Moçambique.

Mostrámos como as comunidades afectadas pela mineração perderam as suas terras, os seus meios de subsistência e como enfrentam a violência por parte da segurança privada, da polícia e do exército que revistam as suas casas, os seus corpos e impedem a sua livre circulação.

Destacámos, pela pouca informação que conseguimos encontrar, que as mulheres enfrentam dificuldades adicionais porque cuidam das famílias e por causa da violência sexual.

Esperamos que a informação contida nesta brochura incentive uma discussão mais aprofundada entre as mulheres nas comunidades afectadas pela mineração, para que contem as suas histórias sobre como foram afectadas pelas empresas de segurança, pela polícia e pelo exército, e pensem nas acções que podem tomar para resolver graves violações dos direitos humanos.

An illustration of four women with dark skin and light-colored hair, looking upwards with expressions of concern or confusion. Each woman has a white speech bubble containing a question in Portuguese. The background is black.

“Porquê eles dizem que eu pedi?”

“Porquê eles perguntam se eu o tentei?”

“Porquê eles perguntam o que eu estava vestindo?”

“Porquê eles perguntam o que eu estava fazendo lá?”

